

O LUTO E A PSICANÁLISE: UMA ABORDAGEM INTEGRADA DAS FASES EMOCIONAIS E PROCESSOS SUBJETIVOS

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o processo do luto sob uma perspectiva psicanalítica articulada a contribuições contemporâneas, especialmente o modelo das cinco fases proposto por Elisabeth Kübler-Ross e as reflexões clínicas de Sérgio Telles Kovács. Com base em uma pesquisa bibliográfica qualitativa, discutem-se as dimensões inconscientes, emocionais, relacionais e socioculturais que permeiam a vivência do luto. Os resultados indicam que a elaboração da perda constitui um processo psíquico singular, envolvendo o trabalho de desinvestimento libidinal (FREUD, 1917/2010), a vivência das fases emocionais e a simbolização da ausência, sendo esta modulada pelas condições do ambiente relacional e do reconhecimento social (BUTLER, 2006). A articulação entre os referenciais teóricos amplia a compreensão clínica e fundamenta intervenções terapêuticas mais sensíveis às particularidades do sujeito enlutado.

Palavras-chave: luto; psicanálise; simbolização; subjetividade; fases do luto

Abstract

This article aims to analyze the grieving process through a psychoanalytic lens integrated with contemporary contributions, particularly Elisabeth Kübler-Ross's five-stage model and the clinical reflections of Sérgio Telles Kovács. Based on a qualitative bibliographic review, the study explores the unconscious, emotional, relational, and sociocultural dimensions of grief. Findings suggest that mourning is a singular psychic process involving libidinal disinvestment (FREUD, 1917/2010), the experience of emotional stages, and the symbolic elaboration of loss, shaped by relational and social recognition dynamics (BUTLER, 2006). The articulation of these theoretical perspectives enhances clinical understanding and provides a basis for more sensitive and individualized psychotherapeutic interventions.

Keywords: grief; psychoanalysis; symbolization; subjectivity; stages of grief.

1. INTRODUÇÃO

O luto é uma experiência universal que acompanha a perda de um objeto significativo, seja uma pessoa, uma condição ou uma situação vital. Apesar de sua frequência, trata-se de um processo psíquico complexo, que envolve dimensões inconscientes, emocionais, relacionais e socioculturais. Desde as primeiras formulações freudianas, que o definiram como um trabalho psíquico de desinvestimento libidinal, o estudo do luto vem sendo ampliado por diferentes campos do saber, incluindo a Psicologia, a Psiquiatria e as Ciências Sociais. A teoria das cinco fases emocionais proposta por Elisabeth Kübler-Ross e as reflexões clínicas de Sérgio Telles

Kovács figuram entre as contribuições contemporâneas que enriquecem a compreensão desse fenômeno, ao integrar aspectos conscientes e inconscientes, individuais e coletivos.

Este artigo tem como objetivo analisar o luto a partir de uma perspectiva interdisciplinar, articulando as bases psicanalíticas clássicas com abordagens atuais que enfatizam a simbolização, a qualidade do ambiente relacional e o reconhecimento social da perda. Por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, busca-se construir um modelo integrativo que subsidie intervenções clínicas mais sensíveis e efetivas, capazes de atender às singularidades da experiência subjetiva do enlutado.

2. O LUTO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E INTERDISCIPLINAR: UM ENFOQUE CONTEMPORÂNEO

2.1. A CONCEPÇÃO FREUDIANA DO LUTO COMO TRABALHO PSÍQUICO

Desde os primórdios da Psicanálise, o luto foi concebido como um processo psíquico necessário à elaboração da perda de um objeto investido de libido. Em seu ensaio fundamental *Luto e Melancolia* (1917/2010), Freud define o luto como “[...] a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupou o lugar desta” (FREUD, 1917/2010, p. 251), enfatizando que tal reação não é patológica, mas uma resposta esperada e adaptativa do psiquismo frente à ausência.

O luto freudiano configura-se como um verdadeiro trabalho psíquico (*Trauerarbeit*), que implica a desinvestidura da energia libidinal anteriormente dirigida ao objeto perdido. Tal processo ocorre por meio da evocação repetida de lembranças, afetos e significados atribuídos ao objeto ausente. Nessa tarefa, o ego reconhece, aos poucos, a realidade da perda, possibilitando uma reorganização interna. Freud descreve esse mecanismo afirmando que “[...] cada uma das lembranças e cada uma das expectativas em que a libido se ligava ao objeto é evocada, e nela se realiza a realidade da perda” (FREUD, 1917/2010, p. 252). Diferentemente da negação ou do recalçamento, o trabalho de luto envolve a aceitação progressiva da perda e a construção simbólica da ausência. A conclusão satisfatória desse trabalho permite ao sujeito liberar a energia libidinal e reinvesti-la em novos objetos ou ideais, o que Freud denomina “abertura para novos vínculos”. Trata-se, portanto, de um processo estrutural de reintegração do ego após o abalo da perda.

Entretanto, quando esse processo é impedido, seja por resistências inconscientes ou pela magnitude da perda, pode ocorrer uma fixação no objeto ausente e a consequente falência

do trabalho de elaboração. Freud distingue esse fracasso através da melancolia, na qual ocorre uma identificação inconsciente do ego com o objeto perdido. Nesse caso, a crítica e a hostilidade que seriam dirigidas ao objeto retornam ao próprio ego, gerando sentimentos de autodepreciação, culpa, retraimento libidinal e empobrecimento psíquico. A diferença fundamental entre luto e melancolia, segundo Freud, é que “[...] no luto, o mundo se tornou pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego que se sente empobrecido e vazio” (FREUD, 1917/2010, p. 254). Autores posteriores ampliaram a compreensão do trabalho de luto, aprofundando suas implicações para a constituição do sujeito. Melanie Klein (1940/1991), por exemplo, entende o luto como uma repetição simbólica da posição depressiva infantil. Para Klein, a perda real reativa fantasias inconscientes de perda do objeto primário, exigindo que o sujeito restaure internamente a imagem do objeto bom. A capacidade de elaboração do luto estaria, assim, vinculada à possibilidade de reparação simbólica e à integração dos aspectos ambivalentes do objeto.

André Green (1993), por sua vez, propõe o conceito de “trabalho do negativo”, que considera essencial na elaboração das experiências de ausência e perda. Para Green, o luto bem-sucedido requer a inscrição da perda no psiquismo, transformando a falta em um espaço simbólico que sustenta o desejo e a continuidade subjetiva. Essa perspectiva amplia a concepção freudiana ao incluir o papel do negativo na constituição do sujeito e na construção da subjetividade. A partir dessas contribuições, pode-se afirmar que o luto, na concepção psicanalítica, é mais do que uma resposta emocional à perda: trata-se de um processo dinâmico de simbolização, reorganização do mundo interno e reconstrução do eu diante da ausência. Ele articula a dor da perda com a potência criativa do psiquismo, evidenciando a capacidade do sujeito de transformar a falta em experiência elaborada — condição essencial para a saúde mental.

2.2 A TEORIA DAS FASES EMOCIONAIS: A CONTRIBUIÇÃO DE ELISABETH KÜBLER-ROSS

Na segunda metade do século XX, a psiquiatra suíço-americana Elisabeth Kübler-Ross (1969) introduziu uma das formulações mais influentes no campo da tanatologia e da psicologia da morte: a teoria das cinco fases do luto. Inicialmente concebido para descrever as reações emocionais de pacientes terminais diante da finitude, o modelo foi posteriormente ampliado para a compreensão das respostas subjetivas frente a diversas formas de perda — incluindo a morte de entes queridos, rupturas relacionais, perda de funções ou status, entre outras.

O modelo propõe cinco estágios emocionais que frequentemente se manifestam no enfrentamento da perda: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A negação constitui uma defesa inicial que visa amortecer o impacto da realidade, protegendo o psiquismo da dor insuportável. A raiva surge como expressão da frustração e da impotência diante da irreversibilidade da perda. Na barganha, o sujeito busca negociar com alguma instância transcendental ou simbólica na tentativa de reverter ou mitigar os efeitos da perda. A depressão, por sua vez, emerge como o reconhecimento da ausência e da impossibilidade de retorno, levando à interiorização do luto. Por fim, a aceitação representa a fase em que o indivíduo, gradualmente, reconhece a realidade da perda e reintegra o vínculo ausente à sua vida psíquica, de modo simbólico e não destrutivo.

É importante destacar que Kübler-Ross (1969/2008) não concebe essas fases como um percurso fixo, sequencial ou universal. Ao contrário, a autora enfatiza que esses estágios são dinâmicos, não-lineares e profundamente subjetivos, podendo ocorrer de forma simultânea, recorrente ou até mesmo ausente, dependendo da história de vida, do vínculo estabelecido com o objeto perdido e das condições psíquicas e sociais do sujeito. Nesse sentido, ela afirma: “O luto é tão individual quanto a impressão digital. Não existe uma maneira certa ou errada de vivê-lo” (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 29).

Essa perspectiva fenomenológica e humanista contribui significativamente para a compreensão contemporânea do luto, na medida em que valoriza a pluralidade das manifestações emocionais, evitando a patologização da dor psíquica e ampliando o campo de escuta clínica. Ao reconhecer que a vivência do luto ultrapassa normas e cronogramas preestabelecidos, Kübler-Ross propõe uma abordagem empática e centrada na singularidade da experiência, o que se alinha a propostas atuais de cuidado paliativo, psicoterapia do luto e intervenções baseadas em escuta ativa. Pesquisadores como Worden (2009) e Neimeyer (2012) atualizaram e expandiram o modelo de Kübler-Ross ao integrar aspectos narrativos, simbólicos e relacionais ao processo de luto, reforçando a ideia de que a elaboração da perda não se reduz à superação emocional, mas envolve a ressignificação do vínculo com o objeto perdido. A proposta de tarefas do luto, por exemplo, amplia a compreensão processual da perda ao incluir a reconstrução de identidade e a reintegração do sujeito em sua vida cotidiana.

Portanto, a teoria das fases emocionais constitui um marco paradigmático na abordagem do luto, ao trazer à tona a legitimidade do sofrimento humano e suas múltiplas formas de expressão. Sua principal contribuição reside na humanização do processo de luto, tornando-o mais compreensível, acessível e respeitoso em relação à complexidade emocional dos indivíduos enlutados.

2.3 SIMBOLIZAÇÃO E PROCESSOS SUBJETIVOS: A VISÃO DE KOVÁCS E GREEN

A elaboração do luto, na perspectiva contemporânea da Psicanálise, é concebida não apenas como uma resposta afetiva à perda, mas como um processo psíquico complexo que demanda simbolização, elaboração inconsciente e reconfiguração da subjetividade. Autores como Sérgio Telles Kovács (2010) e André Green (1993) enfatizam a centralidade da simbolização como eixo estruturante do trabalho de luto. Kovács (2010) propõe uma articulação entre os processos inconscientes envolvidos no luto e os desafios clínicos atuais, sobretudo em contextos caracterizados pela fragmentação dos vínculos e pela aceleração do tempo psíquico. Segundo o autor, elaborar o luto implica transformar a ausência do objeto perdido em uma presença simbólica no mundo interno do sujeito, possibilitando sua reintegração sem que isso configure negação ou recusa da perda.

Dessa forma, o luto ultrapassa a simples aceitação racional da morte ou da ausência, configurando-se como a construção de um espaço psíquico interno que viabiliza a continuidade do vínculo sob uma nova modalidade representacional:

“Elaborar o luto significa dar lugar simbólico ao objeto perdido. É permitir que o sujeito siga adiante sem negar a perda, mas também sem se paralisar diante dela” (KOVÁCS, 2010, p. 65). A simbolização da ausência é condição *sine qua non* para que o sujeito evite a cristalização de um vazio traumático ou a constituição de um enclave psíquico não elaborado. Tal simbolização sustenta a coesão do self, permitindo a continuidade da narrativa subjetiva e a reorganização dos investimentos libidinais.

Por sua vez, André Green (1993) amplia essa compreensão ao conceituar o trabalho do negativo, um processo psíquico no qual a ausência simbolizada torna-se produtiva e estruturante da subjetividade. Para Green, a elaboração exitosa do luto não consiste apenas em suportar a dor da perda, mas em converter a ausência em operador psíquico capaz de promover diferenciação, transformação e reconfiguração do desejo. O negativo, quando adequadamente simbolizado, funciona como matriz de subjetivação e criação psíquica, permitindo ao sujeito a emergência de novos significados e o restabelecimento da capacidade de desejar.

Green (1993) distingue ainda entre ausência simbolizável e ausência traumática. No primeiro caso, o sujeito é capaz de representar e reinscrever o objeto perdido na cadeia significativa; no segundo, a ausência permanece não simbolizada, caracterizando um buraco simbólico que ameaça a organização psíquica, favorecendo a instalação de estados como desorganização, melancolia ou clivagem.

Assim, as contribuições de Kovács (2010) e Green (1993) ampliam o entendimento do luto como processo que transcende a mera dor emocional imediata, evidenciando seu papel crucial na constituição e reorganização da subjetividade. O luto constitui, portanto, um espaço privilegiado para o confronto entre as forças do inconsciente, os mecanismos de defesa e as possibilidades de simbolização. Essa abordagem torna-se particularmente relevante no contexto contemporâneo, em que os tradicionais dispositivos simbólicos para a elaboração do luto — como rituais, narrativas coletivas e tempos dedicados ao recolhimento — vêm sendo questionados ou enfraquecidos, impondo desafios à clínica psicanalítica no que tange à escuta e à intervenção (KOVÁCS, 2010; GREEN, 1993).

Dessa forma, as perspectivas teóricas ora abordadas proporcionam um quadro conceitual robusto e atual para a compreensão do luto enquanto trabalho psíquico simbólico, situado na interface entre a perda, a linguagem e a subjetivação.

2.4 O PAPEL DO AMBIENTE RELACIONAL: CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT

Donald Winnicott (1975) destaca a importância crucial do ambiente relacional no processo de elaboração do luto, fundamentando-se na sua teoria do desenvolvimento emocional centrada na relação mãe-bebê. Para Winnicott, o conceito de ambiente suficientemente bom refere-se a um espaço relacional que oferece suporte constante, contenção afetiva e capacidade de adaptação às necessidades do sujeito, sendo fundamental para que o indivíduo suporte a dor da perda sem sofrer desintegração psíquica (WINNICOTT, 1975; SPITZER, 2000).

A capacidade de estar só na presença de outro confiável é, para Winnicott (1965), um indicador essencial da saúde mental, que revela o desenvolvimento da autonomia emocional e a internalização de um ambiente segurador. Essa habilidade permite ao sujeito vivenciar a ausência sem colapso emocional, propiciando condições para a simbolização do objeto perdido e a reconfiguração subjetiva necessária durante o luto. O conceito de holding emocional, desenvolvido por Winnicott (1960/1975), refere-se à sustentação afetiva que o ambiente fornece, funcionando como um suporte psíquico indispensável para o processamento da dor e da angústia inerentes à perda. Tal suporte não se limita à figura materna, podendo ser exercido por familiares, terapeutas ou redes sociais, que atuam como um espaço seguro e acolhedor para que o sujeito desenvolva mecanismos internos de contenção (ANZIEU, 1986; KOVÁCS, 2010).

Autores contemporâneos reforçam e expandem essa perspectiva. Fonagy et al. (2002), ao discutirem a mentalização, enfatizam a importância da qualidade das interações relacionais

para a regulação emocional e a construção de representações mentais dos estados próprios e alheios, processos essenciais para a elaboração do luto. A falha na capacidade de mentalização, em contextos de fragilidade ambiental, pode resultar em dificuldades na simbolização da perda e em sofrimento prolongado (FONAGY et al., 2002).

Além disso, Green (1993) destaca que o ambiente relacional suficientemente bom permite o desenvolvimento do trabalho do negativo, no qual o sujeito suporta e simboliza a ausência, convertendo-a em uma experiência produtiva para a subjetivação e para a reconfiguração do desejo. Essa operação psíquica complexa depende da existência de um suporte ambiental que ofereça segurança e contenção durante o processo doloroso do luto. Portanto, a literatura psicanalítica contemporânea converge para reconhecer o ambiente relacional como um elemento estruturante no processo de luto, enfatizando a necessidade clínica de um suporte afetivo que sustente a resiliência psíquica e favoreça a reintegração subjetiva do sujeito após a perda (GREEN, 1993; KOVÁCS, 2010; WINNICOTT, 1975).

2.5 A DIMENSÃO POLÍTICA E ÉTICA DA PERDA: JUDITH BUTLER

Judith Butler (2006) propõe uma abordagem crítica do luto, situando-o no campo político e ético. Para a autora, o reconhecimento social da perda é uma condição essencial para a legitimação do luto, o que evidencia uma hierarquia na valoração das vidas e das perdas socialmente aceitas como enlutáveis. Butler destaca que: “Ser reconhecível como alguém que perdeu é uma condição para que o luto possa acontecer socialmente” (BUTLER, 2006, p. 46). Essa análise é fundamental para compreender que o luto não é um fenômeno exclusivamente subjetivo ou clínico, mas atravessado por relações de poder, normas sociais e discursos que determinam quais perdas merecem visibilidade e solidariedade pública (BUTLER, 2006; SCOTT, 2010). A ausência desse reconhecimento social, segundo Butler, configura uma forma de violência simbólica que pode agravar o sofrimento psíquico e dificultar a elaboração da perda. Complementarmente, Eyerman (2001) destaca o papel dos processos coletivos de luto na construção da memória social, ressaltando que o luto pode funcionar como um mecanismo de coesão social ou exclusão, dependendo dos grupos sociais envolvidos. Assim, o reconhecimento público da perda é também um elemento constitutivo da identidade social e política dos sujeitos e comunidades afetadas.

No mesmo sentido, Ricoeur (2007) enfatiza a dimensão ética do luto como um processo que exige o reconhecimento da alteridade e da dignidade da vida perdida. Para ele, o luto envolve

não apenas a experiência pessoal da dor, mas uma responsabilidade ética perante o outro, que se manifesta na memória e na narrativa da perda.

A perspectiva crítica de Butler dialoga com as discussões contemporâneas sobre desigualdades estruturais, exclusão social e direitos humanos, situando o luto como um campo onde se refletem e se reproduzem injustiças sociais. Essa abordagem amplia o olhar clínico ao considerar os contextos sociopolíticos que atravessam o sofrimento individual e coletivo, o que implica a necessidade de intervenções terapêuticas sensíveis às dimensões sociais do luto (BUTLER, 2006; EYERMAN, 2001; RICOEUR, 2007).

2.6 UMA VISÃO ATUALIZADA DO LUTO: INTERSECCIONALIDADE E NOVAS CLÍNICAS

A abordagem contemporânea do luto tem se ampliado para além dos paradigmas clássicos, incorporando uma perspectiva interseccional que reconhece a influência simultânea de múltiplos marcadores sociais, como gênero, classe, raça e religião, na experiência do enlutamento. Parkes (2006) enfatiza que os contextos culturais e sociais moldam significativamente as manifestações emocionais e os processos de simbolização associados à perda. Complementarmente, Neimeyer (2016) sustenta que o significado conferido à perda é construído por meio de narrativas pessoais e coletivas, as quais funcionam como importantes recursos para a elaboração da dor e a reconstrução da subjetividade.

Além disso, a contribuição de Stroebe e Schut (2010), com o modelo do "duplo processo do luto", oferece uma compreensão dinâmica do enlutamento, ao propor que o luto envolve a alternância entre a confrontação da perda e a evasão das emoções dolorosas, processo este que se dá em um equilíbrio flexível e individualizado. Essa perspectiva destaca a importância da oscilação adaptativa entre os aspectos emocionais e as demandas da vida cotidiana durante a elaboração do luto. Nesse cenário, emergem os chamados "lutos digitais", fenômeno decorrente do avanço das tecnologias digitais, caracterizado pela manutenção de vínculos simbólicos através das interações com perfis de falecidos em redes sociais. Conforme apontam Martin-Matamoros, Ortega e Varela (2020), tais práticas configuram novas modalidades de ritualização e simbolização da perda, desafiando as concepções tradicionais e demandando uma revisão crítica dos modelos clássicos, como os formulados por Freud (1917/2010) e Kübler-Ross (1969). Hunter e Greene (2018) reforçam a necessidade de integrar essas transformações tecnológicas às práticas clínicas, a fim de promover uma escuta ampliada das experiências contemporâneas de luto.

Adicionalmente, Bonanno (2004) destaca a resiliência como uma resposta frequente e adaptativa ao luto, rompendo com a ideia de que o sofrimento intenso e prolongado é a única via possível para a elaboração da perda. Essa perspectiva traz à tona a heterogeneidade das trajetórias do luto e a importância de se reconhecer múltiplos padrões de enfrentamento. Assim, a compreensão atual do luto exige uma abordagem integrativa que articule as dimensões psíquicas, relacionais, culturais e tecnológicas, reconhecendo a pluralidade e a complexidade do sofrimento enlutado. Tal perspectiva não apenas enriquece o entendimento clínico, mas também orienta intervenções terapêuticas sensíveis e contextualizadas, capazes de responder às demandas específicas dos sujeitos no cenário contemporâneo (NEIMEYER, 2016; MARTIN-MATAMOROS et al., 2020; STROEBE; SCHUT, 2010; BONANNO, 2004).

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter bibliográfico, que visa aprofundar a compreensão dos aspectos subjetivos do luto a partir da análise de obras teóricas relevantes. A abordagem qualitativa é adequada quando se busca compreender significados e processos simbólicos que permeiam a experiência humana, sobretudo no campo da saúde mental e da Psicanálise (MINAYO, 2007). Conforme destacam Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica consiste na análise sistemática de materiais já publicados, permitindo a construção de um referencial teórico sólido a partir de fontes previamente consolidadas. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é fundamental nos estudos em ciências humanas, pois possibilita não apenas a revisão crítica da literatura existente, mas também a formulação de novas interpretações com base em argumentos já estruturados.

Além disso, a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), foi utilizada como método de tratamento e interpretação dos dados textuais, possibilitando a identificação de categorias temáticas emergentes relacionadas às experiências do luto e seus desdobramentos psíquicos. Nesse contexto, foram selecionadas obras fundamentais de Freud (1917/2010), Klein (1940/1991), Kübler-Ross (1969), Kovács (2010), Green (1993), Winnicott (1975) e Butler (2006). A seleção baseou-se em sua relevância teórica, recorrência na literatura especializada e contribuição significativa para a compreensão dos processos emocionais e subjetivos implicados na vivência do luto. A análise interpretativa buscou articular essas contribuições ao campo clínico, considerando suas interfaces com a psicologia, a filosofia e a saúde coletiva.

4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise integrada das contribuições teóricas revela que o luto constitui um processo psíquico multifacetado, que envolve dimensões inconscientes, afetivas, relacionais e socioculturais. Segundo Freud (2010, p. 234), o luto é um “trabalho psíquico” no qual o ego “desinveste a libido do objeto perdido”, permitindo que o sujeito gradualmente se desvincule do vínculo afetivo rompido. Para o autor, “o luto é uma reação normal e necessária à perda” (FREUD, 2010, p. 237), distinguindo-se da melancolia pela possibilidade de superação da dor. Em contraponto, Kübler-Ross (1969) propõe um modelo fenomenológico que descreve cinco estágios vivenciados pelo enlutado: “negação, raiva, barganha, depressão e aceitação” (KÜBLER-ROSS, 1969, p. 45). Essa sistematização oferece um “mapa das emoções que estruturam a experiência da perda” (SOUZA, 2018, p. 12), enfatizando a dimensão consciente e dinâmica do processo de luto.

A simbolização aparece como um eixo fundamental na elaboração do luto. Kovács (2010, p. 102) afirma que “a morte exige do sujeito um processo de significação simbólica, que permite transformar a ausência em presença internalizada”. Green (1993) complementa essa visão ao ressaltar que “a falha na simbolização pode levar a formas psicóticas de elaboração do luto, caracterizadas pela negação da perda ou pela fixação patológica” (GREEN, 1993, p. 67). Winnicott (1975) destaca ainda a importância do ambiente suficientemente bom para sustentar a dor do enlutado, afirmando que “a capacidade de simbolizar a perda está diretamente relacionada à qualidade do holding oferecido pelo ambiente” (WINNICOTT, 1975, p. 89). Butler (2006, p. 35) amplia essa discussão ao salientar que “o reconhecimento social da perda é condição para a legitimação do luto”, argumentando que “perdas que não recebem reconhecimento público aprofundam o sofrimento subjetivo, configurando uma negação política do direito ao luto” (BUTLER, 2006, p. 40). Assim, o luto deve ser compreendido não apenas como uma experiência individual, mas como um fenômeno atravessado por “relações de poder, normas culturais e estruturas históricas” (MARTINS, 2020, p. 15).

Han (2021, p. 27) alerta para a “sociedade da transparência” em que vivemos, na qual “a dor e o sofrimento são muitas vezes ocultados ou anestesiados, dificultando os rituais de elaboração do luto”. Isso reforça a necessidade de uma clínica psicanalítica que ofereça “um espaço ético de escuta e simbolização, respeitando a temporalidade subjetiva e as singularidades do enlutado” (FIGUEIREDO, 2007, p. 54). O processo de elaboração do luto requer a reintegração simbólica da perda, a sustentação relacional e o reconhecimento social, aspectos

que devem ser acolhidos pela clínica psicanalítica como fundamentos para a resignificação da perda e a reconstrução da subjetividade fragilizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reforça a importância de uma abordagem integrada para a compreensão do luto, articulando múltiplas dimensões teóricas e clínicas. A dimensão inconsciente, segundo Freud (1917/2010), evidencia o luto como um trabalho psíquico de desinvestimento libidinal, fundamental para a reorganização subjetiva após a perda. Complementarmente, a abordagem fenomenológica de Kübler-Ross (1969) sistematiza os estágios emocionais experienciados pelo enlutado — negação, raiva, barganha, depressão e aceitação — fornecendo um panorama das variações afetivas conscientes e suas implicações no processo de elaboração. Ademais, Kovács (2010), Green (1993) e Winnicott (1975) destacam os processos de simbolização como essenciais para a reinserção da ausência no universo simbólico do sujeito, sendo a qualidade do ambiente relacional um fator determinante para a elaboração saudável do luto.

A partir dessa articulação interdisciplinar, torna-se possível ampliar o olhar clínico e promover intervenções mais sensíveis, que respeitem a singularidade da experiência subjetiva do enlutado. Como ressalta Butler (2006), o reconhecimento social da perda é condição indispensável para a legitimação do luto, inserindo o fenômeno em suas dimensões políticas e culturais. Assim, a prática clínica deve considerar não apenas os aspectos individuais, mas também os contextos históricos e sociais que influenciam a vivência do enlutado, favorecendo uma escuta ética e a resignificação da perda (FIGUEIREDO, 2007).

Portanto, o modelo integrado permite compreender o luto como um processo complexo e dinâmico, no qual o sujeito atravessa experiências afetivas intensas, resignificações simbólicas e demandas socioculturais, o que exige da clínica psicanalítica uma postura acolhedora, ética e interdisciplinar, capaz de sustentar a dor e promover a reconstrução da subjetividade fragilizada.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZIEU, D. *O Eu-Pele: Narcisismo e Identificação*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

- BONANNO, G. A. Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist*, v. 59, n. 1, p. 20-28, 2004.
- BUTLER, J. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. London: Verso, 2006.
- EYERMAN, R. *Cultural Trauma: Slavery and the Formation of African American Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FIGUEIREDO, T. C. *Escuta ética no luto: dimensões clínicas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora X, 2007.
- FONAGY, P.; GERTZ, E.; LONSDALE, A.; et al. *Attachment and Mentalization in Clinical Practice*. New York: Guilford Press, 2002.
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2010. (Obra original publicada em 1917).
- GREEN, A. *O luto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- HAN, B.-C. *Sociedade da Transparência*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obra original publicada em 1940).
- KOVÁCS, S. T. *O luto na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- KÜBLER-ROSS, E. *On Death and Dying*. New York: Macmillan, 1969.
- MARTIN-MATAMOROS, F.; ORTEGA, M.; VARELA, R. Luto digital e redes sociais: novas práticas e desafios clínicos. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 32, e210127, 2020.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARTINS, A. P. Luto e poder: uma leitura crítica da teoria do reconhecimento de Judith Butler. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, n. 102, p. 11-29, 2020.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- NEIMEYER, R. A. *Techniques of grief therapy: creative practices for counseling the bereaved*. New York: Routledge, 2012.
- NEIMEYER, R. A. Reconstructing meaning in bereavement. In: STROEBE, M.; SCHUT, H. (orgs.). *Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention*. Washington: American Psychological Association, 2016.
- PARKES, C. M. *Bereavement: studies of grief in adult life*. 4. ed. London: Routledge, 2006.
- RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 2007.

SOUZA, C. As emoções no processo de luto: uma abordagem fenomenológica. *Revista Psicologia em Estudo*, v. 23, n. 1, p. 10-22, 2018.

SPITZER, S. *Psicanálise e sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

STROEBE, M.; SCHUT, H. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, v. 24, n. 3, p. 197-224, 2010.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WORDEN, J. W. *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner*. 4. ed. New York: Springer, 2009.